

O PRÉ – VESTIBULAR COMUNITÁRIO: TRAÇANDO CAMINHOS PARA A DEMOCRATIZAÇÃO DO ACESSO AO ENSINO SUPERIOR PÚBLICO.

Aline Adriana da Silva¹, Gleydson Ferreira da Silva², Marília Gabrielle Arruda Ferreira³, Silvio Profirio da Silva⁴ e
Alexandro Cardoso Tenório⁵.

Introdução

O desejo de ingressar em uma instituição de ensino superior pública mobiliza uma grande quantidade de pessoas todos os anos. Contudo, nem todas conseguem realizar essa faceta, sobretudo, os alunos provenientes de escolas públicas. Nos últimos anos, a questão do ingresso às Instituições Públicas de Ensino Superior tem sido objeto de inúmeras discussões. Tal questão engloba diversos aspectos, como, por exemplo: a defasagem da qualidade do ensino público e privado. Diante desse cenário, os alunos de escolas públicas não têm as mesmas condições de ingressar em tais instituições. Nesse contexto, surgem iniciativas com o objetivo de viabilizar esse acesso, tal como: o Pré – vestibular Comunitário.

Na sociedade atual, a leitura e a escrita são competências lingüísticas de fundamental importância, que surgem como diferenciais, sobretudo, no que tange aos processos seletivos, como é o caso das provas de vestibulares. Contudo, a maior parte dos estudantes de escolas públicas tem dificuldade em interpretar e produzir textos para diversos tipos de provas, tais como: Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) e vestibular. Por esse motivo, optamos por desenvolver uma oficina que trabalhasse os conteúdos abordados no vestibular e no ENEM. Este trabalho tem como objetivo abordar as experiências vivenciadas no Pré - vestibular Comunitário do Programa Conexões de saberes da Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE). Tal programa tem como foco central integrar o saber popular e o acadêmico, contribuindo, assim, para a permanência qualificada de seus bolsistas no âmbito acadêmico.

Material e métodos

Para realização das oficinas, primeiramente, foi realizada a seleção de material a ser utilizado nas mesmas. As oficinas têm por objetivo trabalhar os conteúdos das Disciplinas de Língua Portuguesa (Interpretação de texto, Redação, Questões Discursivas e Literatura) e História. Além de trabalhar tópicos contextualizados de gramática. Em função disso, foram usadas provas de anos anteriores da Comissão de Processos Seletivos e Treinamentos

(COVEST/COPSET), da Universidade de Pernambuco (UPE) e do ENEM. As oficinas estão sendo realizadas nas escolas Estaduais Trajano de Mendonça, Vidal de Negreiros, Padre Machado, Professor Moacyr de Albuquerque, Alberto Torres e Professor Jordão Emerenciano. Participaram das oficinas alunos oriundos das Redes Estaduais e Municipais, além de membros da comunidade. Elas contam com um público que giram em torno de 15 participantes por escola. Tal oficina dividiu-se nas seguintes partes: Língua Portuguesa (Interpretação de texto, gramática, Redação, Literatura e questões discursivas) e História.

A primeira parte busca desenvolver a habilidade de interpretação textual. Para tanto, foram focalizados vários aspectos relacionados ao ato de ler; tais como: tais como: Identificar a idéia central do texto, localizar informações explícitas e implícitas no texto, interpretar textos com auxílio de material gráfico (charges, imagens, quadrinhos, etc.), perceber a relação de causa/ consequência entre partes do texto, etc. No que tange à dissertação argumentativa, tal parte procura trabalhar essa tipologia textual, por meio de exercícios para a divisão de idéias por parágrafos (introdução, desenvolvimento e conclusão). Acerca do estudo literário, ele está voltado para conteúdos de questões objetivas da 1ª fase e da 2ª fase. Para isso, foram utilizadas provas de anos anteriores da COVEST/COPSET, do ENEM e da UPE. O trabalho está direcionado com o auxílio da retração de obras literárias por meio de filmes, tais como: Memórias Póstumas de Brás Cubas, o Crime do Padre etc. Antes da exposição dos filmes, foram estudados as escolas literárias e seus respectivos autores. No que se refere às questões discursivas da 2ª fase do vestibular da COVEST, foram trabalhados diversos gêneros textuais imagéticos com o objetivo de levar os alunos a se adaptar com a prática de interpretação e compreensão de tais gêneros. Como exemplo desse tipo de gênero, destacamos: tirinhas, propagandas e, em especial, charges. Um dos aspectos mais importantes deste último gênero é que eles emitem críticas e opiniões que podem iniciar uma reflexão e um posterior debate sobre algo importante na sociedade [1]. Por essa razão, concebemos que elas estão diretamente relacionadas à intertextualidade. Primeiramente, pelo fato de estarem relacionadas a circunstâncias históricas, políticas, ideológicas e sociais. Todos os anos, tradicionalmente, essa banca propõe duas questões. Uma

1. Primeira Autora é aluna do Departamento de Letras e Ciências Humanas, Curso de Licenciatura em Letras, Universidade Federal Rural de Pernambuco. Rua Dom Manuel de Medeiros, s/n – Dois Irmãos – Recife, PE, CEP 52171 – 900. E-mail: line_adri@hotmail.com

2. Segundo Autor é aluno do Departamento de Letras e Ciências Humanas, Curso de Licenciatura em História, Universidade Federal Rural de Pernambuco. Rua Dom Manuel de Medeiros, s/n – Dois Irmãos – Recife, PE, CEP 52171 – 900. E-mail: gleydson.air@hotmail.com

3. Terceira Autora é aluna do Departamento de Letras e Ciências Humanas, Curso de Licenciatura em Educação Física, Universidade Federal Rural de Pernambuco. Rua Dom Manuel de Medeiros, s/n – Dois Irmãos – Recife, PE, CEP 52171 – 900. E-mail: mariliaceen@hotmail.com

4. Quarto Autor é aluno do Departamento de Letras e Ciências Humanas, Curso de Licenciatura em Letras, Universidade Federal Rural de Pernambuco. Rua Dom Manuel de Medeiros, s/n – Dois Irmãos – Recife, PE, CEP 52171 – 900. E-mail: silvio_profirio@yahoo.com.br

5. Quinto Autor é Professor Adjunto do Departamento de Educação, Universidade Federal Rural de Pernambuco. Rua Dom Manuel de Medeiros, s/n – Dois Irmãos – Recife, PE, CEP 52171 – 900. E-mail: tenorio.ded@ufrpe.br

delas apresenta uma imagem/ ilustração, a fim de levar o aluno a elaborar um comentário acerca da pretensão do autor. E outra questão aborda algo relacionado à reflexão sobre o funcionamento da língua. Mas, ao elaborar as respostas de tais questões, é necessário que os candidatos utilizem uma linguagem adequada. Mas qual seria essa linguagem adequada? Como interpretar uma questão discursiva? Como iniciar a resposta de uma questão discursiva? A quem atribuir o objetivo da mensagem repassada, por intermédio da imagem ou diálogo? Essas são indagações que dos participantes da oficina. Por essa razão, estes foram os principais tópicos abordados nessa parte da oficina. A segunda parte que diz respeito à História. Primeiramente, foi realizada uma sondagem acerca dos conhecimentos prévios dos alunos dessa disciplina. Após isso, foram trabalhados os conteúdos programáticos do vestibular, por intermédio de análise crítica suportada com leituras e debates de temáticas históricas.

Resultados e Discussão

Os resultados esperados pelo grupo de bolsistas é o de propiciar aos participantes uma maior habilidade na interpretação de textos e na resolução de questões de ambas as disciplinas citadas anteriormente, como também na produção de textos dissertativos argumentativos. O que lhes garante uma maior possibilidade de êxito na resolução de provas de exames e vestibulares.

Durante décadas, as práticas de ensino centravam – se, predominantemente, na figura do professor como único detentor do conhecimento. Tal proposta baseia-se na exposição oral dos conteúdos e na sobrecarga de informações. Nesse modelo, o aprendiz, que é visto como um sujeito passivo, que recebe as instruções de um professor que supostamente sabe o conteúdo a ser ensinado e como num passe de mágica transfere-lhe esse saber [2]. Dentro desse contexto, o professor transmite um saber que o aluno deve receber passivamente. O que Paulo Freire [3] define como educação bancária, na qual o aluno é levado a adquirir o maior número possível de conteúdos “necessários”. Dentro dessa perspectiva, percebemos que esse processo de ensino valoriza o resultado (“aprovação ou promoção”), em detrimento da aprendizagem significativa.

No contexto das mudanças ocasionadas pelo processo de globalização, surgem alterações nas relações tradicionais de ensino, como, por exemplo: a necessidade de construção de uma escola cidadã, que apresente uma proposta de trabalho que tenha como objetivo levar o aluno a superar uma visão restrita de mundo e a compreender a realidade. Isto é, um aluno “cabeça bem feita”, o qual está apto a organizar os novos e diversos tipos de conhecimentos, aplicando-os na realidade. [4]. Diante desse contexto, surge a necessidade de um novo padrão comportamental dos nossos alunos. Em outras palavras, ele deve saber refletir sobre os diversos ângulos e compreender múltiplas linguagens. Tal proposta tem sido adotada pelos principais órgãos que elaboram provas de processos seletivos em

nosso país. Contudo, será que a escola pública tem trabalhado com base nesses novos paradigmas?

As questões, por exemplo, já apresentam um novo enfoque dado aos conteúdos das mais diversas disciplinas. Por meio delas, o aluno é levado a refletir com base em diversas linhas de pensamento. Não mais questões conceituais, que solicitavam respostas localizadoras. Tais respostas centravam – se, predominantemente, nos argumentos do autor, em detrimento dos argumentos do aluno. Outro aspecto que não poderíamos deixar de destacar acerca das novas estruturas das provas de vestibular, diz respeito às práticas de leituras que são trabalhadas em uma perspectiva de diversidade textual, o que engloba não só os gêneros textuais escritos, mas também os imagéticos, tais como: charges, tirinhas, propagandas, ilustrações, etc. Assim, usam tanto a linguagem verbal, como a não – verbal. Conforme exemplos nas figuras 1, 2 e 3 (página 3). Diante dos aspectos até agora apresentados, defendemos uma mudança no enfoque dado aos conteúdos das mais diversas disciplinas, por intermédio do uso de novas metodologias que, de fato, prepare os alunos para a resolução de provas em vestibulares.

Agradecimentos

Agradecemos ao Programa Conexões de Saberes da UFRPE, coordenado pelo Professor Alexandre Cardoso Tenório, por ter nos inserido no contexto de produção de trabalhos acadêmicos.

Referências

- [1] CAVALCANTI, M. C. C. *Multimodalidade e Argumentação na Charge*. Homepage: <http://www.ufpe.br/pgletras/2008/dissertacoes/diss-Maria-Clara.pdf>.
- [2] XAVIER, A. C. *As Tecnologias e a aprendizagem (re)construcionista no século XXI*. Hipertextus Revista Digital, Recife, v. 1, 2007. Homepage: <http://www.hipertextus.net/volume1/artigo-xavier.pdf>.
- [3] FREIRE, P. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- [4] PERRENOUD, P. *Construir as Competências desde a Escola*. Porto Alegre: Artmed Editora, 1999.

Figura 1. Charge que aborda a temática da degradação ambiental e a falta de médicos na Região Norte do Brasil.



Figura 2. Charge que critica o tratamento oferecido pelo Sistema único de Saúde (SUS) às pessoas menos favorecidas.



Figura 3. Foto da Oficina realizada na Escola Professor Jordão Emerenciano, localizada na Comunidade da UR 02 (Ibura).



Figura 4. Foto da Oficina realizada na Escola Professor Jordão Emerenciano, localizada na Comunidade da UR 02 (Ibura).



Figura 5. Foto da Oficina realizada na Escola Professor Jordão Emerenciano, localizada na Comunidade da UR 02 (Ibura).

